

Tentativa e erro é a estratégia

É assim que jovens cineastas têm descoberto caminhos alternativos em espaços como a escola de Sto. André

Alessandro Soares
Da Redação

O professor e crítico de cinema Ismail Xavier chamou a atenção do público no seminário *Da Estética à Cosmética da Fome*, realizado semana passada no Espaço Unibanco em São Paulo, para as mudanças no cinema brasileiro do manifesto de Glauber Rocha à atualidade. Para ele, vivemos a “estética do ressentimento”, um círculo vicioso que move os personagens e que se repete em vários filmes.

Para a cineasta Suzana Amaral, o problema é mais abrangente. A TV, a publicidade e, especialmente, a opção da captação em câmera digital – que barateia e democratiza a produção de filmes, inclusive ruins –, estão fazendo a “miséria fotogênica e os roteiros sem vida”.

Enquanto a questão está na mesa, jovens cineastas buscam seus caminhos na prática, por tentativa e erro. A ELCV (Escola Livre de Cinema e Vídeo) de Santo André tem sido um caminho. “Houve um efeito positivo com ela. Antes, as pessoas faziam curtas sem formação estruturada como a da escola, que dá possibilidade de criar uma estética, procurar as origens e ir a fundo”, afirma Diaulas Ullysses, aluno da ELCV e diretor do curta *Os Alvos que Queremos Virgens*.

A 14ª Mostra Vídeo Brasileiro de Santo André já é tradicional e Mauá prepara sua primeira edição da uma mostra de cinema e vídeo, a ser realizada em outubro deste ano. “As cidades da região estão investindo legal em quem queira mexer com vídeo. Há pessoas fazendo coisas, mas

que precisam de embasamento técnico para saber como realizar, pois há muitos festivais no Brasil inteiro”, diz Ullysses.

A tática dos pequenos produtores é semelhante à da guerrilha. “Não temos estrutura para bater o produto importado. Então, temos de fazer guerrilha, ir onde o público estiver: praças, centros culturais, periferia”, afirma Diogo Gomes dos Santos, 50 anos, cujas oficinas de vídeo em Diadema originaram o Núcleo de Estudo, Produção e Difusão de Cinema e Vídeo Com-Olhar. Santos é ex-cineclubista e também atuou no cinema da Boca do Lixo.

Com sua distribuidora Dina Filmes, exibida nas ruas, em sindicatos e salões de igreja na década de 80 filmes das greves do Grande ABC de 1979/1980. Eram trabalhos de João Batista de Andrade, Renato Tapajós, Leon Hirszman e outros.

As mesmas greves são tema do documentário *Os Peões do ABC*, que deve ser rodado entre o dia 28 deste mês e 27 de outubro na região. Atualmente, o diretor Eduardo Coutinho e pesquisadores da VídeoFilmes (produtora de Walter Salles Jr.) estão em São Bernardo para localizar operários que estiveram no Estádio da Vila Euclides e participaram do movimento.

“Os operários vão olhar os álbuns de fotos que fizemos das greves para reconhecer os companheiros de sindicato e para conversar sobre aquele momento”, diz Beth Formaggini, diretora de produção. Uma segunda equipe, dirigida por João Salles, acompanhará no mesmo período a campanha eleitoral de Luís Inácio Lula da Silva. □



Metalúrgicos em 1979, no Estádio da Vila Euclides: greves serão tema de *Os Peões do ABC*, documentário de Eduardo Coutinho

Em Diadema, falta de salas é tema de curta

Da Redação

■ Diadema pode ganhar uma sala comercial de cinema pela primeira vez. Diogo Gomes dos Santos, assessor de vídeo da Prefeitura e oficinheiro, preparou um projeto para a criação de um espaço na cidade, que teria patrocínio da iniciativa privada. O curta *Cinema Dilacerado*, o primeiro feito pelo Núcleo de Estudo, Produção e Difusão de Cinema e Vídeo Com-Olhar, trata justamente da falta de cinemas comerciais na cidade.

“O Núcleo acredita que o cinema não acontece só na tela, tem de chegar ao público. Diadema é carente em produção, só falta alguém começar”, diz Josiane Alfer, diretora do primeiro curta do Núcleo, cuja proposta é fazer filmes que falem de Diadema.

Santo André, por sua vez, tem dois documentários realizados

com um intervalo de dez anos. Dão uma visão geral das consequências do otimismo industrial do Grande ABC sugerido por Luiz Sérgio Person em *São Paulo S.A.* (1965). O primeiro é *Rota ABC* (1991), dirigido por Francisco César Filho com Tata Amaral. O segundo é *Vinte.Dez* (2001), do mesmo casal.

Rota ABC tem um tom pessimista, pois imperava a incerteza com relação ao processo de industrialização, que apresentava diminuição de seu ritmo. A atitude juvenil se traduz na música punk da banda Garotos Podres. Em *Vinte.Dez*, Chiquinho e Tata investigariam a mesma perspectiva da juventude atual da região, pegando gancho no filme anterior. Porém, encontraram jovens envolvidos no movimento hip hop com uma maneira de positiva de enfrentar problemas sociais. — AS



Miguel e Shone (d), grafiteiros de Santo André no curta *Vinte.Dez*, que fala dos elementos do hip hop



Garotos Podres tocam em *Rota ABC*, de Francisco César Filho



Walmor Chagas em cena de *São Paulo S.A.* (1965), de Person



RONALDO BENVENHA, Especial para o Diário



Lionel Hampton, astro do Jazz

Músico espontâneo, Lionel Hampton liderou uma jazz band de alta qualidade, sempre dando a impressão de tocar com grande prazer. O começo foi como baterista nas black bands de Paul Howard e Les Hite, no limiar dos anos 30. Exímio também ao piano, tornou-se um ás ao vibrafone. Por sugestão do produtor musical John Hammond, em agosto de 1936 o clarinetista e bandleader Benny Goodman foi ouvi-lo exibindo-se ao vibrafone em uma casa noturna. Contratou-o no ato. O trio de Goodman, a partir daí, transformou-se em quarteto, onde já estavam o pianista negro Teddy Wilson e o baterista Gene Krupa. Goodman foi dos primeiros músicos a integrar instrumentistas brancos e negros, combatendo dessa maneira o odioso preconceito racial que imperava na América do Norte.

Quando Goodman, por problemas de saúde, dissolveu temporariamente sua big band, em julho de 1940, Hampton aproveitou para organizar sua própria banda. Inicialmente contratado pela RCA-Victor, fez gravações de 78 rotações que alcançaram relativo sucesso comercial. Depois gravou na Columbia, Decca e Verve. Entre 1942 e 1946, prosperou musicalmente, dando-se muito bem com atuações da banda em teatros, no rádio e em salões de baile, sempre com estilo definido e vibrante.

Mesmo com o declínio da era das big bands, no final dos anos 40, conseguiu manter-se ativo, sem precisar dissolver o grupo, como ocorreu com a



Big band comandada por Lionel Hampton nos anos 40

maioria dos colegas. Foi um dos poucos que continuaram ativos nas décadas de 50 e 60, quando fez vitoriosas turnês pela Europa, Japão e Oriente Médio.

Premido pelas circunstâncias, nos anos 70 reduziu o tamanho da banda e organizou um sexteto (combo), batizado como The Inner Circle. Porém, de tempos em tempos reorganizava a banda convencional para cumprir contratos na Disneylândia de Los Angeles. Periodicamente, reunia-se com seus velhos companheiros dos anos 30, Goodman, Wilson e Krupa para nostálgicos concertos do célebre quarteto.

Flying Home, a conhecida composição feita em parceria com Goodman, lançada em 1942, converteu-se no tema musical da banda. Foi nessa época que Hampton

deu o salto que faltava para conquistar audiência nacional, aproveitando o talento do guitarrista Billy Mackel ao escrever primorosos arranjos.

Importantes nomes do jazz atuaram ao seu lado. Entre eles, Cat Anderson, Clifford Brown, Clarck Terry, Fats Navarro, Charles Mingus, Art Farmer e Gigi Gryce.

Em 1951 chegou um jovem trompetista de 18 anos chamado Quincy Jones, que se revelou um mago dos arranjos. Entre muitos que escreveu, um é considerado até hoje o melhor feito para o tema *Oh! Lady Be Good*, de George e Ira Gershwin.

Além dos explosivos temas de jazz, o repertório abrigava suaves baladas interpretadas pelas lady-crooners Dinah Washington (1924-1963) e Betty Carter (1930-1998). Hamp, como era tratado pelos amigos, criou em 1977 o selo discográfico *Who's Who In Jazz*, dando oportunidade a instrumentistas como Gerry Mulligan, Chick Corea e Woody Herman de gravarem o que bem entendessem, com liberdade total.

Nos anos 80, as atividades foram diminuindo gradativamente, até a data de seu cinquentenário musical, com homenagens dos antigos companheiros da era do swing. Após sofrer dois derrames (anos 90), retirou-se das atividades. Baterista, pianista, vibrafonista, compositor e bandleader, Lionel Hampton nasceu em Louisville, no Kentucky, em 20 de abril de 1908. Morreu no último dia 31 de agosto, em Nova York, aos 94 anos. Nos anos 80, se apresentou em São Paulo, no 150 Night-Club do Hotel Maksoud Plaza.